

Traçando caminhos investigativos ibéricos a partir da Identidade Cultural portuguesa

Rodrigo Koch

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6719-1839>
rodrigo-koch@uergs.edu.br

Carlos José Rodrigues

Universidade de Aveiro, Portugal
<http://orcid.org/0000-0001-6403-6959>
cjose@ua.pt

Resumo

Este texto faz uma breve revisão bibliográfica em trabalhos acadêmicos sobre a Identidade Cultural de Portugal, utilizando os elementos que compõem tal identidade como pontos de ancoragem e partida para estabelecer os caminhos investigativos de pesquisa de pós-doutorado em curso inicial. Tais propostas de estudo, preveem atividades de coleta de dados e de investigação em solos português e espanhol durante o biênio 2027-28, com objetivos de compreender e analisar a Identidade Cultural de populações diversas através das pedagogias culturais presentes nos respectivos espaços geográficos; interpretar os processos globalizadores pós-modernos de mercantilização e espetacularização na Península Ibérica; e observar as produtividades destes fenômenos identitários na contemporaneidade. Nos interessa conhecer a constituição e manutenção identitária portuguesa na pós-modernidade.

Palavras-chave: Identidade Cultural; Portugal; Estudos Culturais.

Detalhes do artigo | Avaliação por pares aberta

Editado por:
Michel Goulart da Silva

Avaliado por:
Anna Juliace
Michel Goulart da Silva

Citação:
Koch, R., & Rodrigues, C. J. (2026). Traçando caminhos investigativos ibéricos a partir da Identidade Cultural portuguesa. *Scientia International Journal for Human Sciences*, 1(1). <https://doi.org/10.56365/mxapgh32>

Histórico do artigo

Recebido: 16/12/2025
Revisado: 02/03/2026
Aceito: 14/03/2026
Disponível: 14/03/2026



1. Notas introdutórias e aspectos metodológicos

O campo dos Estudos Culturais tem se debruçado intensamente nas últimas décadas em investigações sobre a Identidade Cultural de populações específicas e/ou minorias. Estas pesquisas colaboraram na compreensão e acesso a culturas que estavam, em certa medida, oprimidas e encobertas ao grande público. Entre vários autores que são comumente convocados pelos Estudos Culturais nestas discussões, nos apoiamos - principalmente - em Zygmunt Bauman (2001; 2005; 2008), e Stuart Hall (1997; 2010; 2019), trazendo para o debate as condições líquidas, descentradas e fragmentadas dos indivíduos pós-modernos em suas constituições identitárias apontadas por estes pensadores. Também contribuem neste processo de construção conceitual, acerca das identidades culturais, outros autores, como Anderson (2008), Canclini (2003), Debord (2005), Lipovetsky (2016) e Steinberg (1997). Nas observações de Bauman e Hall, há algumas características marcantes que definem as sociedades contemporâneas.

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo [...]. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall 2019, p. 9-12).

[...] estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma outra de “comparação universal”, [...]. Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “autoevidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes [...] (Bauman 2001, p.14-15).

Ainda vale acrescentar, que são muito produtivas também as análises de Hall sobre as nações. Partindo da teoria de “Comunidade Imaginada” (Anderson 2008), o sociólogo afirma que falamos de forma metafórica sobre uma identidade nacional, pois as mesmas não estão impressas literalmente nos genes dos indivíduos, ou seja, não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Hall destaca que uma nação é uma comunidade simbólica e, por esse motivo, tem o poder de gerar identidade e certa lealdade.

Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] as diferenças entre nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas

(Hall, 2019, p. 31),

Por fim, resumidamente, o pensador estabelece cinco elementos principais que definem uma identidade cultural nacional: narrativa da nação (eventos históricos, símbolos e rituais); possíveis origens; a invenção de tradições; um mito fundacional; e a crença num povo originário.

Ao chamarmos Bauman para este debate, este outro sociólogo analisa as identidades pelo viés do mundo globalizante contemporâneo e alerta que “Nossas dependências são agora de fato globais. No entanto, nossas ações são, como antes, locais” (Bauman 2008, p.189).

Quem sabe, em vez de falar sobre identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais próximo da realidade do mundo globalizado falar de identificação, uma atividade que nunca termina, sempre incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados (Bauman 2008, p. 193).

A partir da agenda de pesquisa que ficou estabelecida através de projetos de investigação de pós-doutorado junto aos Departamentos de Ciências Sociais, Políticas e do Território; e de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro; o objetivo deste texto é fazer uma breve revisão bibliográfica da formação da Identidade Cultural portuguesa, pois os elementos que compõem esta condição nos darão pistas e, servirão de pontos de ancoragem e partida para os caminhos investigativos futuros que serão traçados para dois projetos distintos: um - exclusivamente - em solo português; e outro, que envolve um espaço geográfico da Península Ibérica. Estaremos ampliando as informações sobre os mesmos, na parte final deste texto.

Esta breve revisão não pretende esgotar a temática da Identidade Cultural de Portugal e, tão menos ser uma espécie de Estado da Arte da mesma. Estaremos nos valendo para este trabalho de algumas pesquisas selecionadas em base de dados de língua portuguesa, de acordo com a relevância dos estudos, e sua importância e aplicabilidade em nossas investigações. Portanto, somos sabedores de que há um vasto material a ser explorado por outros pesquisadores, mas que - para nós - neste momento torna-se inviável de ser abordado devido a sua complexidade e provável desvio de foco investigativo. Nas próximas páginas, seguindo uma ordem cronológica das publicações, apresentamos alguns dados e considerações dos trabalhos elencados neste primeiro movimento investigativo acerca da Identidade Cultural portuguesa.

2. Elementos que podem definir a Identidade Cultural portuguesa

De acordo com o senso comum, para o Brasil podemos apontar o Carnaval, o Futebol, a Caipirinha, a Feijoada e a Floresta Amazônica, entre outros, como símbolos marcantes de nossa Identidade Cultural. São elementos que definem o país de dentro e de fora e que constituem em boa medida a diversidade da população brasileira. Neste estudo de revisão, nos interessa conhecer e tentar definir quais são as marcas identitárias portuguesas, para a partir das mesmas traçar caminhos investigativos futuros em solo português. Procuramos agrupar a revisão dos trabalhos acadêmicos de forma cronológica e pelas temáticas dos apontamentos de cada um dos elementos culturais que constituem a identidade de Portugal.

Começamos tais apontamentos e análises por três pensadores, que em certa medida, se complementam mas também se contrapõem, pois externam posições diversificadas sobre a formação da identidade portuguesa. Vakil (2006), descreveu um cenário distópico, no qual o pesquisador imagina um debate entre alunos e professores sobre identidade daqui há algumas décadas em qualquer escola primária da capital portuguesa. Indiretamente ele pergunta se, deixariam de ser considerados heróis os conquistadores dos séculos passados? O pensador tensiona esta questão trazendo para a discussão elementos que pretensamente unificam os colonizados e os colonizadores e, que tornaram a todos falantes da língua portuguesa. Ele também levanta questões sobre a ambiguidade dos conceitos de pátria e sugere que sejam revistos os ensinamentos sobre colonização e descolonização, alertando sobre o crescimento de demagogias populistas que redefinem as noções de segurança e pertencimento com plataformas políticas anti-imigração. Ao final de suas reflexões, Vakil (2006) afirma que “a Lisboa de 2050 será uma sociedade multi-cultural, que Portugal terá uma história portuguesa feita também de outras histórias e que a verdadeira defesa da nação passa pela qualidade da sua democracia, não pelo securitarismo de uma identidade cultural xenófoba”.

Em conferência proferida em Elvas, em janeiro de 2004, Graça (2005) defende que Portugal foi tomado por um sentimento de culpa a partir do processo de descolonização, iniciado em meados de 1970, que abalou a sua identidade nacional. Em sua fala, o pesquisador procura recuperar o passado pujante dos conquistadores e dos portugueses no contexto europeu. Graça (2005), em sua defesa da nação portuguesa, destaca que “a Universidade, nas suas múltiplas formas de ensino superior e investigação científica, é um factor de mudança e de desenvolvimento e inevitavelmente de reflexão nacional, o que significa que é também um factor de consolidação da identidade nacional” (Graça 2005, p. 82). Por fim, ele comenta que diferente de outras etnias europeias, os portugueses possuíam uma característica rara, que era a xenofilia, o contrário da xenofobia; e que isto também construiu o país na pós-modernidade.

Com temática semelhante à de Graça (2005), cerca de uma década antes, Seabra (1994) proferiu conferência inaugural na Sessão Solene de Abertura do Curso de Defesa Nacional 1994, que teve lugar no

Instituto de Defesa Nacional em Lisboa em 10 de Novembro de 1993. Nas palavras do conferencista, que já havia publicado ensaio em 1990 sobre a Identidade Cultural portuguesa, foram novamente resgatados os feitos históricos dos descobridores e a vocação ultramarina portuguesa de séculos passados, bem como o apontamento de símbolos nacionalistas que constituem uma certa identidade cultural portuguesa, além da obra de Camões.

Portugal foi o pioneiro do que hoje se chama o interculturalismo, praticando-o antes de outros o virem a teorizar. Um dos elementos essenciais da comunicação com outros povos foi para os portugueses a língua, que, sendo a sua pátria matricial, tal como a assumiu Pessoa, se tornou uma ‘pátria de várias pátrias’ [...] (Seabra 1994, pp.130-131).

Nesse discurso, o palestrante encerrou suas palavras considerando os jovens portugueses pouco engajados e interessados na preservação de uma identidade nacional; fato este, que se soma a alguns dos conceitos de Hall e Bauman já apresentados na seção inicial deste texto. No ensaio do início dos anos 1990, José Augusto Seabra, explora a dualidade da cultura portuguesa, vendo-a não apenas como uma identidade nacional com traços específicos, mas também como uma abertura ao universalismo, manifestada na sua história de expansão e no seu legado cultural pelo mundo. O conceito de ‘personalismo universalista’ sugere que a identidade portuguesa se define pela sua própria especificidade e individualidade (“personalismo”), ao mesmo tempo em que se projeta e se expande para o mundo e o todo (“universalista”), influenciando e sendo influenciada por outras culturas. “Quanto mais buscamos as raízes do Português, mais na essência do nacional descobrimos o universal” (Seabra 1990, p. 95). Nesse ensaio, o pensador elenca alguns elementos que constituem a identidade cultural portuguesa, como a vocação ultramarina e descobridora/conquistadora, o sentimentalismo e saudosismo, a fraternidade, e o idioma: “Entre esses valores, o mais universal é a língua que falamos e escrevemos e que hoje é comum a sete países independentes e livres, com uma diversidade de culturas e mesmo de civilizações, com as suas literaturas e oraturas, através das quais comunicamos, convivemos e cooperamos” (Seabra 1990, p. 100).

Entre diversos trabalhos que citam mudanças históricas e sociais em Portugal a partir de década de 1960 e na virada do milênio, selecionamos o de Barreto (2002), que entre outros aspectos destaca que “Um país tradicionalmente de emigração transformou-se num país de imigração: eis talvez uma das mais dramáticas mudanças ocorridas em Portugal nas últimas décadas” (p.8). Sem apontar diretamente que traços e marcos da identidade nacional se alteraram - e continuam se alterando - sob efeitos da globalização, Barreto (2002) faz breve reflexão sobre os fluxos migratórios, adotando posicionamentos ambíguos. Neste estudo,

nos interessa e nos provocam as análises feitas sobre a “nova” juventude portuguesa, justamente por ser esta a população das futuras investigações em solos português e ibérico.

Com o desenvolvimento da “cultura jovem” e da categoria etária e social “jovem”, nasceu um novo segmento geracional activo, eleitor, consumidor e produtor: os jovens. Com a evolução da economia e do sector da educação, as jovens gerações adiaram por vários anos a sua entrada na vida profissional. Estão presentes nas escolas secundárias e nos estabelecimentos de ensino superior, que entretanto cresceram em número e em dimensão. Praticamente isentos de serviço militar, deixaram de ter diante de si esse vínculo à administração e ao serviço público. Com direito a voto aos 18 anos (desde 1976), são objecto de especial atenção por parte dos partidos políticos e das autoridades. São atraídos pelas juventudes partidárias para colaborar nas campanhas políticas. São solicitados pelo comércio e pela publicidade. Têm, nos locais de divertimento, nos espaços públicos culturais e na vida nocturna (bares, discotecas, etc.) os seus pontos de encontro, protagonizando uma marca indelével nas cidades (Barreto 2002, p. 10).

Complementando, o estudo de Pires (2007) se valeu de metodologias de observação participante que nos inspiram e, também nos interessam para os futuros caminhos investigativos. A pesquisadora procurou definir a identidade cultural da vila portuguesa de Barrancos, localizada em uma zona de fronteira com a Espanha, verificando como esta comunidade construiu e reconstrói periodicamente sua relação com os outros, sejam estes portugueses, espanhóis ou de outras etnias. Pires (2007) considera que há “[...] uma identidade cultural de carácter híbrido, num processo complexo de (re)construção identitária” (Pires 2007, p.128), pois são raras as famílias desta vila que não falam tanto o idioma português quanto o espanhol e por sua vez, criam uma língua própria do local. Há mitos de origem e diásporas constantemente convocadas pelo poder público para reforçar os traços identitários, que também estão bastante presentes nas festas da cultura local, como por exemplo a maior delas: corrida de touros de morte - motivo de divergências nos contextos locais e nacionais (Pires 2007).

Em outro trabalho que nos interessa, Arroteia (2010) estudou o fluxo das migrações portuguesas recentes pelo mundo e procurou estabelecer questões de identidade e cidadania desses grupos nos movimentos diaspóricos. Entre várias questões do inquérito, para nossas análises futuras, vale destacar os símbolos de Portugal identificados pelos emigrantes portugueses entrevistados nesta investigação do pesquisador. Os mais citados pelos participantes do estudo, na ordem, foram: a família, o idioma, os símbolos nacionais (bandeira e hino), a arte, a gastronomia, o futebol, a religião e o fado.

Para além das pesquisas já citadas, a dissertação de Simões (2010) buscou a identidade cultural

portuguesa no design de produtos. A autora entende que entre os países de língua portuguesa “não é de todo possível analisar a identidade cultural presente no design industrial de todos os países devido à falta de informação disponível [...]” (p.4) e, conclui que

[...] o design lusófono dá primazia a cores como o branco, castanho e preto, a madeira é o seu material de eleição e as formas dos seus produtos são simples e racionais. A sua taxa de inovação não é elevada mas produzem produtos de fácil utilização e desprovidos de marcações gráficas (Simões, 2010, p. 111).

Mas, este trabalho traz poucos acréscimos para nossos interesses sociológicos acerca da Identidade Cultural de Portugal, pois se trata de um recorte de investigação científica muito específico.

Sousa (2011) explora como o legado histórico e mítico do rei Dom Dinis é construído e mantido no imaginário da cidade de Leiria, influenciando a sua identidade cultural local. Na busca de estabelecer um mito fundacional de Portugal, a autora afirma que a ‘Expansão’ e os ‘Descobrimientos’ são marcos fundamentais na constituição do mito português, sendo a obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o maior construtor da arquitetura mitogênica e poética da nacionalidade. Nas análises da investigação que conduziu, Sousa (2011) destaca que:

D. Dinis marcou a História de Portugal e o imaginário dos portugueses, e tal pode ser visto na quantidade de mitos que rondam este rei. Este rei e o seu reinado foram encarados como resultado da providência, [...]. Encarado como um intermediário entre os seres divinos e a existência humana, ao rei poeta são atribuídas as virtudes e os actos premonitórios de criação de uma grande nação e uma grande pátria: [...] Embora ainda distante dos Descobrimientos, é atribuído a este rei a criação de todas as condições para que a grande epopeia se realizasse. Foi no seu reinado que começou o nascimento da Pátria e a grandeza do futuro. Foi D. Dinis que preparou a elevação do império português [...] (Sousa, 2011, p.8)

Nas considerações finais de seu estudo, Sousa (2011) contextualiza e identifica pontos turísticos na cidade de Leiria com fortes marcas identitárias no mito de Dom Dinis.

Somando-se aos nossos futuros caminhos investigativos, Baptista (2013) resgata momentos históricos em seu trabalho, criando definições identitárias de cada período, e reforçando a data da Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, como ponto de virada cultural na construção desta identidade portuguesa. Ao analisar a filmografia que trata de concepções de identidade dos portugueses, a pesquisadora, revela que quando são convocadas memórias do Império de Portugal, a identidade desta nação é remetida às figuras do

“Aventureiro-Colonizador” ou do “Herói-Colonial”, também vinculadas a um “gênio civilizador” em contraponto aos negros africanos, numa visão preconceituosa, caracterizados como selvagens e passíveis de domesticação ou adestramento: “[...] agora num clima tropical, constroem em pleno mato [...], as suas ‘casas portuguesas’ [...] apresentando-se como um povo essencialmente agrícola e rural, trabalhador e honesto, que se ‘pega’ à terra, edificando aldeias, vilas e cidades, que replicam, o mais fielmente possível, a Metrópole” (Baptista 2013, p. 274).

Nestes contextos, o negro - ocupando a função do ‘outro’ - vai aparecer na filmografia e literatura como referencial para definir a identidade do português colonizador. Segundo Baptista (2013), a ideia inicial é posteriormente substituída pela do “Colono-Emigrante”, com contornos de uma “[...] condição de superioridade econômica, social e religiosa face ao negro, condição essencial para que seja possível continuar a aporuguesar a África, merecendo respeito e até veneração dos nativos pelos brancos e recolhendo a sua boa vontade e inclinação para a assimilação” (Baptista, 2013, p. 277). Este novo personagem português por vezes vai se juntar aos movimentos independentistas, tendo sua identidade cultural, em alguns casos, questionada, renegada e recalcada. É um ser retratado de forma exótica e encarado por seus conterrâneos como teimoso, simples, afável e ignorante. Nas análises de Baptista, uma última figura da identidade cultural portuguesa são os “Retornados-Colonialistas”, ou seja, portugueses de família, mas de origem colonial, portanto nascidos e com cidadania de países conquistados pelo Império Português. São ‘exilados de sítio nenhum’, nas palavras da pensadora.

Para a delimitação dos caminhos investigativos, também nos interessam trabalhos como os de Brambilla (2015) e Gevehr, Berti & Matte Junior (2020), no qual os autores investigaram aspectos culturais e identitários da Região do Rio Douro e seus vínculos com o turismo e a academia. Caracterizada como patrimônio cultural, nesta região os elementos primordiais que constituem sua identidade são as paisagens, a arquitetura, a gastronomia (basicamente alicerçada no vinho regional), a arte e os sítios arqueológicos. Brambilla (2015) ao discutir a identidade cultural, entre outros autores dos Estudos Culturais, também convoca e se vale das teorias de Hall no debate. Ao final da sua tese, ela tensiona o conflito entre a manutenção de tradições culturais e a necessidade de um enoturismo consumista:

[...] enquanto alguns autores consideram que o turismo nas áreas rurais têm tornado os locais exclusivamente espaços de consumo, podemos compreender que o turismo rural é apenas uma das influências externas que afetam a zona rural e seus moradores, já que não se pode impedir de viver o presente da melhor forma possível, e nem se pode impedir os processos de transformações desejados pelas comunidades rurais. Assim, consideramos que o enoturismo no Douro tem transformado as zonas rurais

da região, tornando-as espaços de lazer, e, ao mesmo tempo, fortalecendo as identidades locais [...] (Brambilla, 2015, p.205)

Gevehr, Berti & Matte Junior (2020) citam também, a inserção e atuação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) na comunidade local com pesquisas e atividades dedicadas à viticultura.

Acrescentamos ainda, a pesquisa de Marchi (2015) que se debruçou em investigar e analisar a formação de uma identidade portuguesa vinculada aos movimentos políticos de extrema direita a partir de marcos históricos do pós-Segunda Guerra e seus desdobramentos no cenário contemporâneo pós-moderno pelo viés midiático do Movimento de Ação Nacional (MAN). Após fazer um resgate histórico de fatos pelas décadas de 1960, 1970 e 1980, o pesquisador detalha as publicações do MAN numa escalada evolutiva antirracista. Há manifestos contra a imigração, pela primazia de emprego aos brancos, e incitando o fim da ajuda, e o ódio aos estrangeiros. Nas conclusões de seu estudo, Marchi inicia afirmando que “O povo português, nação antiga no extremo ocidente da Europa, apresenta um profundo apego à sua identidade” (Marchi 2015, p.439) e, contextualiza - novamente através da história das conquistas portuguesas na América e na África - a miscigenação gradativa que ocorreu em Portugal através dos fluxos migratórios dos dominados. “Os sinais da crise de identidade revelaram-se particularmente naqueles meios políticos e ideológicos que fizeram do radicalismo identitário a sua bandeira” (Marchi 2015, p.440). Indiretamente, o elemento unificador da Identidade Cultural portuguesa, neste estudo, é o idioma.

Sobral (2016), na obra *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*, no primeiro capítulo busca definir uma identidade individual de cada português, convocando elementos e marcos culturais, como as famílias tradicionais e centenárias, e a língua entre outros e, como esta última é o eixo educador-condutor de uma identidade nacional portuguesa. “[...] estudamos mais aprofundadamente o português do qualquer outra língua, mais os escritores portugueses do que quaisquer outros. A história de Portugal ocupa um lugar central na nossa apreensão da História” (Sobral, 2016, p.9). O autor se refere também às experiências emotivas e estéticas, do cotidiano português e aponta um certo pessimismo social como característica destas identidades. No que interessa às nossas análises futuras, Sobral cita o futebol como fonte de alegria coletiva; e elenca ainda hábitos comportamentais reducionistas como o atraso aos compromissos ou a falta de responsabilidade dos políticos com suas promessas: “[...] todos os grupos nacionais possuem estereótipos sobre si próprios e sobre os outros, que são inerentes à construção de uma identidade” (Sobral, 2016, p.11). Por fim, neste capítulo inicial, o autor lança o debate sobre o nacionalismo, apontando que há no mínimo dois tipos de nacionalismos em Portugal, que não consensuais: um cívico e um étnico, que podem se complementar ou se contrapor na formatação das identidades. Nos capítulos seguintes, a exemplo de outros pensadores já citados,

Sobral (2016) faz uma viagem histórica pelo passado de Portugal e como fatos pontuais contribuíram na construção de personagens e de uma certa identidade portuguesa. Ele destaca que a melhor forma de se conhecer um português é vivenciar o que é ser português.

Silva (2018) ao questionar como abordar a identidade nacional portuguesa, afirma que:

[...] a definição da identidade de um qualquer coletivo social faz-se em dois planos complementares: o que aproxima os seus elementos constitutivos numa certa unidade, fazendo-os parte de uma mesma totalidade; e o que distingue a totalidade assim formada das outras com que efetiva ou virtualmente se relaciona. No primeiro plano está em causa a formação de um nós; no segundo, a sua distinção face aos outros, face a eles (Silva, 2018, p. 10).

O autor busca definir os portugueses tanto do ponto de vista interno, como externo, distinguindo de outros povos e nações. “A identidade não é apenas o que se é, é o que se diz que é – muitas vezes, muitos dizeres, logo, vários sujeitos e várias representações” (Silva, 2018, p.18). Nos movimentos iniciais de seu estudo, Silva (2018) resgata o passado histórico português das grandes conquistas (“descobrimientos”) e navegações pelos continentes americano e africano, elencando estes personagens como definidores de uma identidade nacional/cultural de Portugal. Ou seja, há uma forte relação com os mares e com estratégias geopolíticas, que por sua vez provocaram alquimias culturais híbridas. Trazendo o debate para a contemporaneidade, o autor conclui que na pós-modernidade, Portugal adquiriu traços “ocidentocêntricos” e, talvez por isso, o melhor e maior elemento de unificação da identidade cultural portuguesa seja o idioma.

A dissertação de Ferreira (2021), discute a identidade cultural da Geração Z portuguesa e como esta tem sido moldada pelos mecanismos midiáticos, tornando-a americanizada. A autora afirma que “A identidade cultural é um aspeto que se vai desenvolvendo consoante o meio em que uma pessoa está inserida; a família, a escola, as experiências, a língua, as tradições são apenas alguns dos aspetos que têm impacto na identidade cultural” (Ferreira 2021, p.6). Na pesquisa desenvolvida, Ferreira destaca que os jovens portugueses moldam suas identidades de forma híbrida e multicultural, criando uma base pacífica de convívio entre a cultura local e a global. Assim como em outros estudos já elencados, de forma indireta, ela aponta o idioma como uma das marcas da identidade cultural de Portugal. O breve estudo de Castro & Ribeiro (2022) com estudantes do ensino superior de Bragança, ratifica as considerações de Ferreira (2021), tendo na língua um forte elemento de definição da identidade cultural em tempos pós-modernos.

3. Considerações, desdobramentos e caminhos investigativos futuros

Neste breve levantamento que realizamos sobre a Identidade Cultural portuguesa em trabalhos acadêmicos recentes, percebemos que o mais citado dos elementos, que constituem marcos identitários de Portugal, é a língua portuguesa; que transcende épocas e ocupa posição ambígua, aproximando culturas e por vezes estabelecendo quem são os ‘outsiders’ e dominados. Já os chamados “heróis” do descobrimento - por vezes caricaturados -, a literatura, o fado, os símbolos nacionalistas (bandeira, hino, vestimentas), e a religião, nas palavras dos pensadores analisados, se remetem a um passado recente, mas superado, e que tenta ser resgatado por movimentos políticos da direita em campanhas anti-imigração e, em certa medida, xenofóbicas. Por outro lado, o futebol, o enoturismo, o turismo gastronômico, cultural e consumista, estão vinculados aos contextos globalizadores, cosmopolitas, multiculturais e pós-modernos. Há elementos explícitos, como os citados, e, também, elementos implícitos e psicossociais que constituem a Identidade Cultural portuguesa. A fraternidade, a hospitalidade, o sentimentalismo e a saudade, e os modos de vida fora das metrópoles são exemplos disso. Acreditamos que para uma análise mais profunda da temática da Identidade Cultural portuguesa em tempos pós-modernos, seja necessária uma imersão *in loco* no território, possibilitando observações participantes inspiradas na etnografia - algo que está previsto no projeto de pós-doutoramento em Portugal. Esta condição também é sugerida e indicada por Sobral (2016). Fica evidente em diversos dos estudos analisados e, vale lembrar, que a data de 25 de abril de 1974, marco da Revolução dos Cravos, é ponto de virada na construção de uma identidade cultural portuguesa.

Conforme mencionamos anteriormente, esta breve revisão que fizemos neste texto servirá como pontos de ancoragem e partida para dois projetos de pesquisa de pós-doutorado junto à Universidade de Aveiro. O primeiro deles, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, intitulado “Produtividades da celebridade do futebol Cristiano Ronaldo na (des)(re)construção identitária cultural de crianças e jovens portugueses”, e que tem como objetivos compreender e analisar a Identidade Cultural das infâncias e juventudes portuguesas futebolizadas a partir do ídolo CR7; investigando a construção e constituição das identidades, e interpretando os processos globalizadores de mercantilização e espetacularização da modalidade em Portugal, e as pedagogias culturais presentes.

No segundo projeto - “A Identidade Cultural das Comunidades do Rio Douro (Portugal) / Duero (Espanha)” -, junto ao Departamento de Línguas e Culturas, pretendemos, igualmente, compreender e analisar a Identidade Cultural, porém das Comunidades do Rio Douro, interpretando os processos globalizadores de mercantilização do turismo, e as pedagogias culturais presentes nesse espaço geográfico; analisando as produtividades e transformações destes processos identitários na contemporaneidade. Para

ambas propostas de investigação, quando em solo português, na primeira etapa das pesquisas (cerca de 60 a 90 dias) serão feitas observações relacionadas à construção e constituição das pedagogias culturais que contribuem para as (des)(re)construções das Identidades Culturais vinculadas às crianças e aos jovens portugueses futebolizados e seguidores da celebridade Cristiano Ronaldo; bem como, das comunidades que vivem nas margens do Rio Douro. Na segunda etapa, serão realizados questionários e entrevistas com jovens aficionados em futebol e com representantes das comunidades do Rio Douro (Portugal)/Duero (Espanha). Durante o período do pós-doutorado, também serão avaliados os discursos midiáticos presentes na Península Ibérica relacionados à temática da Identidade Cultural que contribuem para alimentar estes circuitos. Posteriormente serão desenvolvidas as análises do material coletado para elaboração de artigos científicos e, futuramente, possível publicação de livros. A metodologia empregada neste estudo terá vertentes pós-estruturalistas com vínculos nos Estudos Culturais, se valendo também e ainda de Análise de Discurso.

Nesta breve revisão, encontramos trabalhos que são inspiradores e que servem de ponto de partida para os futuros caminhos investigativos em território português. Vale citar o texto de Barreto (2002) e a dissertação de Ferreira (2021) com informações significativas acerca da Geração Z portuguesa que servirão de base inicial para os estudos das (des)(re)construções identitárias de jovens que seguem a celebridade do futebol Cristiano Ronaldo; além da tese de Brambilla (2015) e do artigo de Gevehr, Berti & Matte Junior (2020) no que tange à coleta de dados que pretendemos realizar com as populações que compõem a região do Rio Douro, com objetivo de definir uma identidade cultural local deste espaço geográfico. Reforçamos que esta revisão não pretendia esgotar a temática da Identidade Cultural de Portugal e que as pesquisas selecionadas por nós estavam relacionadas com sua relevância e aplicabilidade em nossas investigações.

Referências

- Anderson, B. (2008). *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arroteia, J. C. (2010). Portugueses em diáspora: Identidade e Cidadania. *População e Sociedade*, CEPESE, Porto, vol. 18, p. 145 - 159.
- Baptista, M. M. (2013). A identidade cultural portuguesa: do colonialismo ao pós-colonialismo: memórias sociais, imagens e representações identitárias. *Comunicação e Sociedade*, vol. 24, p. 270-287.
- Barreto, A. (2002). Mudança social em Portugal, 1960/2000. *Working Papers*, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Outubro.

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Brambilla, A. (2015). *Cultura e Enoturismo: um estudo na Região Demarcada do Douro*. Tese. Doutorado em Estudos Culturais. Departamento de Línguas e Culturas. Universidade de Aveiro, Portugal, 269 págs.
- Canclini, N. G. (2003). *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- Castro, C. (2014). *Textos básicos de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castro, M; Ribeiro, M. C. (2022). Identidade(s) europeia(s) e diversidade(s) cultural(is): percepções dos estudantes. *EduSer*, v. 14, n. 2. DOI: 10.34620/eduser.v14i2.227.
- Debord, G. (2005). *A Sociedade do Espetáculo*. Lisboa: Edições Antipáticas.
- Ferreira, A. M. S. (2021). *Globalização e Identidade Cultural*. Dissertação. Mestrado em Línguas e Relações Empresariais. Departamento de Línguas e Culturas. Universidade de Aveiro, Portugal, 94 págs.
- Gevehr, D. L.; Berti, F.; Matte Junior, A. A. (2020). Vinhos e paisagens culturais na Região do Douro: património e turismo cultural em Portugal. *Revista Baru*, Goiânia, Brasil, v. 6, n. 1, p. e8123. DOI: 10.18224/baru.v6i1.8123. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/8123>
- Graça, Pedro. (2005). A identidade nacional portuguesa. *Elvas - Caia*, Revista Internacional de Cultura e Ciência, n.º 3, Edições Colibri / Câmara Municipal de Elvas, p. 75-85. ISSN 1645-6416.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.22 (2), p. 15-46.
- Hall, S. (2010). *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Lima: IEP.
- Hall, S. (2019). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Lipovetsky, G. (2016). *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. Barueri, SP: Manole.
- Marchi, R. (2015). A identidade de Portugal no discurso da direita radical: do multirracismo ao etnonacionalismo. Dossiê: Revoltas Populares Contemporâneas numa Perspectiva Comparada. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 422-442, jul.-dez.
- Pires, E. (2007). “Nós, os Outros”: Sobre Identidade e Alteridade na Fronteira de Portugal. In: Figueira, Eduardo; Baltazar, Maria da Saudade; Serrano, Maria Manuel (coords.). *Questões Sociais Contemporâneas*.

Actas das VIII Jornadas do Departamento de Sociologia. Universidade de Évora e Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva”.

Seabra, J. A. (1990). A identidade cultural portuguesa: um personalismo universalista. *Nação e Defesa*, Ano XV; Nº 53, p. 88-102.

Seabra, J. A. (1993). A identidade cultural portuguesa: um patriotismo aberto à universalidade. Conferência Inaugural proferida pelo autor na Sessão Solene de *Abertura do Curso de Defesa Nacional 1994*, que teve lugar no IDN em Lisboa, em 10 de Novembro.

Silva, A. S. (2018). Como abordar a identidade nacional portuguesa? *Todas as Artes*. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura, 1(1), pp. 9-20, Porto. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav1n1a1

Simões, C. S. M. (2010). *Em busca da identidade cultural portuguesa reflectida no design de produtos*. Dissertação. Mestrado em Design Industrial Tecnológico. Faculdade de Engenharia, Departamento de Engenharia Electromecânica. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 305 págs.

Sobral, J. M. (2016). *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sousa, J. G. (2011). Os Mitos de Origem e a Identidade Cultural – A presença de D. Dinis no Imaginário Leiriense. In: *Livro de Atas do Congresso Internacional ‘A Europa das Nacionalidades - Mitos de Origem: Discursos Modernos e Pós-Modernos’*. Aveiro, Portugal: Universidade de Aveiro.

Steinberg, S. (1997). Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: Silva, L.H., Azevedo, J.C., & Santos, E.S. (Orgs.). *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: SMED.

Thorpe, C. (eds.) (2016). *O livro da Sociologia*. Tradução de Rafael Longo. 2ª edição. São Paulo: GloboLivros.

Vakil, A. (2006). Heróis do Lar, Nação Ambivalente: Portugalidade e Identidade Nacional nos tempos dos pós. In: Loff, M.; Pereira, M. C. M. (coords.), *Portugal: 30 Anos de Democracia (1974-2004)*. Actas do Colóquio Realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto: Universidade do Porto.